

Apresentação  
LITERATURA JUVENIL NO SÉCULO XXI:  
INTERTEXTUALIDADE E METALINGUAGEM  
NO TEXTO PARA JOVENS LEITORES

BIOGRAFIA DO ORVALHO

1

Este é um caderno de haver frases nele.  
Um rio passa perto.  
Estou sentado no barranco do rio.  
Emas no pátio engolem cobras.  
Uma formiga está de boca aberta para a tarde.  
As quatro patas da formiga tentam abraçar o sol.  
Na verdade, não sei se as patas da formiga  
que tentam abraçar o sol  
Ou se são minhas frases que desejam fazer esse  
trabalho.  
Agora uma brisa me garça.  
E os arrebóis latejam.

Manoel de Barros<sup>1</sup>

Apesar do seu crescimento em quantidade e qualidade tanto no contexto do sistema literário brasileiro, quanto internacional, como atesta Alice Áurea Penteadó Martha (2008), a literatura juvenil ainda tende a situar-se num lugar periférico no âmbito do sistema literário, em resultado não só da menor atenção que recebe por parte da academia e da crítica, mas também da sua associação ao universo paraliterário, conotada como produto editorial marcado pelo recurso a fórmulas e a elementos codificados. A profusão de títulos, temas e formas exige da crítica exercício constante (TURCHI, 2016), visando a aquilatar um conjunto de textos bastante heterogêneo, mas que também não deixa de configurar tendências frente às instâncias de legitimação das quais participa (BOURDIEU, 2005). O intrincado mosaico de textos é um dos fatores que justifica a preocupação daqueles que se dedicam à análise de um *corpus* multifacetado, seja no contexto ibero-

---

<sup>1</sup> Retrato do artista quando coisa. In: *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013, p. 343.

americano, seja em outros circuitos editoriais.

No que concerne aos livros contemporâneos dispostos no mercado sob a chancela de formar leitores de literatura, Marisa Lajolo e Regina Zilberman destacam que, pelo recurso “à intertextualidade e o apelo à metalinguagem” (2017, p. 80), se configuram como desafios a seus destinatários. Restringindo este Dossiê aos textos que compõem o subsistema literário juvenil e às reflexões que este deflagra, compreendem-se como necessárias abordagens críticas, históricas e teóricas sobre essa produção, na qual demandas diversas do homem contemporâneo – como valores e papéis sociais – revelam-se aos jovens, assim como sua própria voz e seus sentimentos (GREGORIN, 2011).

A relevância temática dessa produção, portanto, implica a percepção de uma “estética da formação” que, entre outras acepções, configura-se, à primeira vista, como “a temática de que se ocupa a maior parte das obras, no caso, a busca da identidade e o processo de amadurecimento do jovem, do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos” (CECCANTINI, 2000, p. 435-436). Para que se efetivem como uma “estética da formação”, esses temas integram construtos de significação por meio de recursos, como aqueles apontados por Lajolo e Zilberman (2017). Assim, neste número da revista *Miscelânea*, reúnem-se trabalhos diversos que contemplam estudos críticos, históricos e/ou teóricos sobre obras juvenis contemporâneas, marcadas em sua tessitura narrativa, lírica ou dramática pela intertextualidade e/ou a metalinguagem, e também uma resenha e duas entrevistas com criadores, um escritor e uma ilustradora, desvelando várias facetas do processo criativo, propondo a sua observação a partir de pontos de vista distintos.

Destaca-se a publicação de um conjunto assinalável de textos em coautoria, revelador da afirmação e/ou consolidação de parcerias cada vez mais estreitas entre investigadores, em alguns casos de diferentes países, contextos e até gerações. Esta diversidade fica bem expressa na quantidade de obras analisadas, percorrendo vários países e línguas, modos e gêneros literários, tendências temáticas e estilos de escrita, evidenciando a riqueza e a pluralidade que caracteriza a literatura juvenil contemporânea em geral e a brasileira, em particular. Não fica por abordar a questão da formação do leitor juvenil no contexto atual, bem como o contributo de propostas literárias de qualidade, propondo universos reconhecíveis e adotando estratégias narrativas e estilísticas destinadas a favorecer a proximidade dos leitores.

O dossiê abre com uma análise comparada de duas narrativas juvenis, uma portuguesa e outra brasileira, respetivamente *Não te afastes*, de David Machado (2018), e *Querida*, de Lygia Bojunga (2009), levada a cabo por Ana Margarida Ramos e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira,

propondo a sua leitura à luz da questão do crescimento e da construção da personalidade dos heróis, elementos estes que estão presentes em parte significativa da produção romanesca para jovens.

João Luís Cardoso Ceccantini e Larissa Warzocha Cruvinel procedem a uma análise do romance *O livro selvagem*, do escritor mexicano Juan Villoro (2008), sob o prisma das relações intertextuais que a narrativa estabelece com obras de autores como Defoe, Swift, Melville, Carroll e Kafka, dando particular relevo ao caso de Jorge Luis Borges, cujo conto “A biblioteca de Babel” funciona como uma espécie de chave de leitura do romance do autor mexicano, pelas afinidades entre ambos.

A presença do fantástico na novelística contemporânea brasileira é o foco do estudo de Katia Caroline de Matia Costa e Alice Áurea Penteadó Martha, cujo ensaio, além de caracterizar esse fenômeno e as suas marcas, centra-se na identificação da sua presença em cinco obras contemporâneas, *Alice no espelho*, de Laura Bergallo (2005), *O mágico de verdade*, de Gustavo Bernardo (2006), *A maldição do olhar*, de Jorge Miguel Marinho (2008), *Cidade dos deitados*, de Heloísa Prieto (2008), e *O telephone*, de Luís Dill (2014). As autoras explicitam as variações existentes em termos das várias tendências da produção conotada com o fantástico, caracterizando, com exemplos, as várias linhas narrativas possíveis, a histórica, a intimista e a policial.

Já Luciane Alves Santos, também situando o seu estudo no contexto do fantástico, dedica a sua atenção à narrativa breve, em particular a um volume de contos intitulado *Sete ossos e uma maldição*, da escritora brasileira Rosa Amada Strausz (2013), procurando identificar e refletir sobre as estratégias temático-discursivas que enformam a presença do fantástico.

No caso do estudo intitulado “A História da Diferença e dos Diferentes em *Minuano*, de Tabajara Ruas”, as autoras Silvani Lopes Lima e Fabiane Verardi centram-se na literatura juvenil de fundo histórico, recorrendo à teoria sobre a metaficção historiográfica para analisar uma obra construída entre a história e a ficção, sem esquecer a dimensão pedagógica que subjaz a grande parte dos textos que têm adolescentes e jovens como leitores preferenciais.

Fabiano Tadeu Grazioli e Fulvio Torres Flores incidem a sua atenção crítica sobre o texto dramático juvenil, no caso *O Príncipe Atrasado*, da autoria de Cassia Leslie e Ricardo Dalai (2018), modo literário quase sempre esquecido pela crítica e ausente das reflexões sobre a produção literária destinada a jovens. Neste caso, o ensaio trata ainda das relações de tipo paródico que o texto em apreço tem com o universo dos contos de fada, sobretudo no que diz respeito aos personagens principais e às expectativas que a tradição construiu sobre eles.

Em “As (novas) faces dos contos de Murilo Rubião”, Ana Crelia Penha Dias e Raquel Cristina de Souza e Souza analisam a trilogia daquele autor à luz da questão do reendereço dos textos para novos leitores, refletindo não só sobre as implicações deste processo e os seus objetivos, mas também sobre os contributos dos processos editoriais e o relevo do sistema escolar nessa reedição.

Guilherme Magri da Rocha e Cleide Antonia Rapucci, no texto “O Autoisolamento de Marin (sobre *Estamos Bem*, de Nina LaCour)”, propõem uma leitura do romance *We are okay*, da norte-americana Nina Lacour, detendo-se na questão do tratamento de questões fraturantes, como é o caso da temática LGBTQ+, à luz da crítica feminista, sublinhando a escassez de edição nesta área no contexto brasileiro.

O romance *Intramuros*, de Lygia Bojunga, é o centro da proposta de Diana Navas e Grazielle Maria Valim que, em “Mexer Com Papel, Rasgar Papel, Reciclar Papel – O (Des)Pretensioso Relato de Lygia Bojunga”, tratam da questão da metaficção, analisando o processo de ficcionalização da figura da escritora e o seu relevo na fusão dos limites do real e do ficcional, explicitando o processo criativo e o seu impacto em termos da formação de leitores competentes.

Já Cloves da Silva Junior, Ludmila Santos Andrade e Zênia de Faria dedicam a sua atenção ao romance *Lis no peito*: um livro que pede perdão, de Jorge Miguel Marinho, também com ênfase na questão da criação da metafictionalidade, procedendo à identificação dos recursos utilizados com vista à sua materialização na narrativa. Os autores sugerem a possibilidade de ser justamente a proposta metafictional o elemento que assegura maior identificação dos leitores com a proposta narrativa, chamados a participar no julgamento da personagem.

Por seu turno, Agatha Camila Ferreira Araujo e Silvana Augusta Barbosa Carrijo elegem como objeto de estudo o romance *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, apresentando uma análise onde cruzam as questões específicas do romance de aprendizagem com a questão da formação do leitor literário, nomeadamente através da intertextualidade recorrente, apresentando o volume em apreço como um exemplo paradigmático dessa possibilidade.

O estudo de José Nicolau Gregorin Filho, intitulado “Adolescência, Literatura e Cultura Hipermediática” incide sobre as relações entre os adolescentes e os jovens, e a leitura e os desafios da formação de leitores na contemporaneidade, num contexto marcado pelo uso generalizado e acrítico das tecnologias da informação.

A questão dos mecanismos de produção e circulação da literatura é debatida no texto “A Literatura não atura: uma reflexão sobre educação e

cultura em movimento”, de Adreana Dulcina Platt e Frederico Garcia Fernandes, discutindo, a partir do caso da recolha de 98 mil exemplares do livro *Enquanto o sono não vem*, de José Mauro Brant, feito pelo Ministério da Educação, no ano de 2017, em bibliotecas e escolas públicas brasileiras, a questão da interferência do Estado na questão do ensino da literatura e as políticas públicas de leitura.

Ângela Cogo Fronckowiak e Rosiana Kist, em “Adolescente: um leitor em busca de sentidos e da socialização da leitura”, procedem a um estudo sobre as leituras realizadas por adolescentes, a partir de investigação empírica, analisando as práticas de leitura mais frequentes, ligadas ao fenômeno do *Young Adult Novel*, que não se encontram legitimadas pela escola, identificando, ainda, as estratégias que utilizam no sentido de partilhar as suas leituras.

O estudo de Eliene da Silva Dias e Diógenes Buenos Aires de Carvalho, intitulado “A literatura juvenil contemporânea: breves considerações sobre a formação de um subsistema literário”, centra-se na discussão do conceito de literatura juvenil e deste subsistema literário no panorama literário contemporâneo, procedendo à revisão da literatura sobre a sua legitimidade.

Em “Apólogo: um gênero extinto?”, Fernando Teixeira Luiz debate a evolução de um gênero muitas vezes esquecido dos estudos literários, o apólogo, procedendo à análise de três obras oriundas de culturas distintas que, de alguma forma, o retomam, de modo a suscitar a reflexão sobre o seu relevo, sobretudo no caso da formação de leitores.

Este número especial inclui ainda duas resenhas críticas; a de Álvaro Simões Jr., a partir da leitura de *Uma história da literatura: memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*, de Mauro Nicola Póvoas (2017), e a de Luciana Leal sobre *A estação das pequenas coisas*, de João Anzanello Carrascoza (2017). Há também duas entrevistas com criadores. A primeira, conduzida por Berta Lúcia Tagliari Feba e Renata Junqueira de Souza é dirigida ao escritor José Roberto Torero Fernandes Junior, autor de *O Chalaça*, Prêmio Jabuti em 1995. A segunda entrevista, realizada por Rosa Maria Cuba Riche, teve como alvo Lúcia Hiratsuka, escritora, ilustradora e tradutora, recentemente distinguida, em duas categorias diferentes, no Prêmio Jabuti 2019.

Ao reunir estes textos, acreditamos poder contribuir para manter acesa a discussão e a investigação não só sobre o relevo da literatura juvenil na formação de leitores competentes e críticos, cidadãos ativos na sociedade contemporânea, mas também sobre o estatuto desta produção no sistema literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CECCANTINI, João Luís C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Assis: Unesp, 2000. Tese de doutorado.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 9-16, abr./jun., 2008.

TURCHI, Maria Zaira. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. *FronteiraZ*, Porto Alegre, nº 17, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/29410>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

